

A TRAGÉDIA NAS INCURSÕES DA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE

Leonardo Marques Kussler*

RESUMO: Sabendo que a filosofia de Nietzsche é mundialmente conhecida e, conseqüentemente, amplamente estudada, fugir do óbvio em uma pesquisa que visa compreender conceitos já consagrados na história da filosofia é uma tarefa de difícil consecução. Entretanto, a partir de leituras prévias de comentadores da filosofia nietzschiana, buscamos, com o presente artigo, elucidar alguns conceitos discutidos amplamente na pesquisa concernente à filosofia de Nietzsche, de modo a aclarar a compreensão do leitor e, de certa forma, reavaliar os estudos já dispendidos de conceitos nietzschianos. O texto se dispõe da seguinte maneira: a) breve introdução sobre tragédia; b) o trágico na filosofia nietzschiana por seus comentadores, onde o trágico é relacionado a conceitos como *super-homem*, *transvaloração*, *vontade [de potência]* etc.; e c) o trágico na filosofia nietzschiana com base em textos de Nietzsche com interpretações próprias. O intuito do artigo é, justamente, revisitar as reflexões sobre o tema do trágico, em Nietzsche, e tratar da importância de tal conceito na filosofia nietzschiana e na compreensão desta, além de propor diferentes horizontes interpretativos através do viés do trágico.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Tragédia. Vontade de potência. Transvaloração.

1 INTRODUÇÃO

Tratar da filosofia nietzschiana, uma das mais difundidas e conhecidas — mesmo que popularmente/equivocadamente —, é sempre um desafio. Porém, difícil mesmo é tratar de conceitos nietzschianos sem recair na obviedade e tentar trazer novidade a algo tão estudado e estruturado. No

* Graduando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: leonardo.kussler@gmail.com.

Leonardo Marques Kussler

entanto, no presente artigo, buscamos elencar alguns autores que fazem parte do cotidiano de quem estuda Nietzsche, em especial para pesquisadores brasileiros, que levam em consideração o material disponível sobre o autor e a temática. Tratamos, pois, de elencar pequenos excertos de comentadores relevantes no que tange à pesquisa filosófica em Nietzsche, a saber: Roberto Machado, Oswaldo Giacoia Jr., Gilles Deleuze e Martin Heidegger.

Em especial, trataremos da filosofia nietzschiana dentro de seu conceito de *trágico*, de modo que seja possível abordar parte de sua filosofia por conta de tal conceito, que acaba por ser relacionado a tantos outros mais conhecidos, talvez, como o de *super-homem*, *eterno retorno*, *transvaloração de valores*, *vontade de potência* [poder] etc. No presente artigo há, pois, uma breve explicitação do que se entende por tragédia, seguido de uma seção sobre o trágico em Nietzsche, pelas vozes dos comentadores supracitados e, por último, uma interpretação com trechos de textos nietzschianos, com base em uma interpretação mais livre e subjetiva, que foge um pouco do padrão de compreensão sobre o autor e, obviamente, renova a pesquisa sobre o tema.

2 A TRAGÉDIA

A tragédia ática foi uma novidade no mundo grego, pois, até então, não existia algo semelhante, em termos de expressão artística e entretenimento. A utilização de máscaras para representação das personagens sem o caráter ritualístico; o coro, que expressava o temor e dava voz aos demais sentimentos dos espectadores. Diferentemente da epopeia predecessora e/ou semelhante ao ideal das comédias gregas — porém, por outro viés, já sabido —, a tragédia busca interpretar, na própria vertigem de sua arte, a *vontade*, os anseios e os desejos humanos. São

Leonardo Marques Kussler

problemas próprios da existência humana que, por serem tão profundos, permanecem ativos na contemporaneidade; ao tratar das dicotomias justiça/injustiça, amor/ódio, liberdade/condenação etc., encaminham-se propostas universais sobre o sujeito. Apesar de ser desenvolvida para a aristocracia, ao contrário da comédia que era própria do populacho, a tragédia marca um momento de transformações sociais. Em especial, “a tragédia não é apenas uma forma de arte, é uma instituição social que, pela fundação dos concursos trágicos, a cidade coloca ao lado de seus órgãos políticos e judiciários” (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1977, p. 10).

Ainda dentro da estrutura da tragédia, existe a postura de busca de autonomia divina, por parte das personagens, porém, *agonisticamente*, nunca alcançada, por conta de um poderoso destino que controla suas vidas. O agir de cada personagem é regido por uma norma interna (de pensar consigo mesmo, deliberar de forma introspectiva) e uma norma externa (uma força sobrenatural que pode ou não compartilhar da vontade do sujeito) (Cf. VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1997, p. 21).

Além disso, toda e qualquer ação desempenhada por uma personagem é uma *mímesis práxeōs*, uma imitação de uma ação (Cf. ARISTÓTELES, 1992). Tal imitação se divide em duas partes, de acordo a tragédia e a comédia, na medida em que “[...] procura, esta, imitar os homens piores, e aquela, melhores do que eles ordinariamente são” (ARISTÓTELES, 1992, 1448a 15). Essas imitações, por sua vez, não são realizadas somente em conformidade com a narrativa, “[...] mas mediante atores, e que, suscitando o ‘terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções’” (ARISTÓTELES, 1992, 1449b). Tal purificação, que se encontra à liberação das emoções do público que frui tal espetáculo, é amplamente conhecida como *catarse*, e se mostra na identificação e no reconhecimento da plateia com as ações representadas na peça, possibilitando a este que saia de si e reconfigure sua postura existencial,

com base no disposto. Mas e o que, exatamente, Nietzsche tem a ver com a tragédia, além de sua pesquisa filosófica sobre o conceito?

3 O TRÁGICO NIETZSCHIANO

Subdividiremos esse item em duas partes. Na primeira (3.1), serão apresentadas propostas de comentadores de Nietzsche, orientados sob a perspectiva nietzschiana do trágico. Para tanto, serão intercalados, respectivamente, textos de Roberto Machado, de Oswaldo Giacoia Jr., de Gilles Deleuze e de Martin Heidegger, mostrando a pluralidade da compreensão sobre tal temática e o empenho na interposição das ideias, de modo que o leitor possa reinterpretar juntamente ao autor do presente artigo. No próximo subtítulo, será feita a análise com os textos propriamente nietzschianos, com interpretações próprias e, nem sempre, semelhante a dos comentadores, justamente para manter a polêmica, tão rica à filosofia.

Na segunda seção (3.2), tratamos de elencar alguns excertos de Nietzsche, para que seja possível realizar uma interpretação mais livre e fenomenológica da composição do autor. A ideia é que, de posse das afirmações presentes na interpretação de cada comentador acima, se possa traçar uma leitura diferenciada e subjetiva dos conceitos propriamente nietzschianos com textos do próprio autor. Trataremos, pois, da filosofia [ou tragédia] nietzschiana por sua própria voz, sob a perspectiva de uma interpretação própria e, às vezes, comparada aos moldes do contraponto, com pequenos trechos de: a) *O nascimento da tragédia*; b) *Wagner em Bayreuth*; c) *Assim falou Zaratustra* e; d) *Genealogia da moral*.

3.1 O TRÁGICO NIETZSCHIANO POR OUTRAS VOZES

Na obra *O nascimento da tragédia*, segundo análise de Machado (2005), existem três palavras-chave para a compreensão do trágico na visão

Leonardo Marques Kussler

nietzschiana, a saber: a. a origem da tragédia grega; b. a morte trágica enunciada por Eurípedes (ou pelo *socratismo* de Eurípedes) e; c. a proposta de reconfiguração trágica na expressão artística de vanguarda moderna (como a wagneriana). Nesse sentido, a origem se define pela dicotomia dos impulsos de *apolíneo* e de *dionisíaco*, respectivamente: a. o impulso da forma, princípio da individuação, do comedimento, da aparência, da imagem, do belo, da razão e; b. o impulso do ditirambo, da musicalidade, da desmesura, da reconciliação entre as pessoas, da vontade etc. Porém, “a tragédia nasce do espírito da música; a origem da tragédia é a possessão causada pela música” (MACHADO, 2005, p. 8). E, justamente por isso, entra em decadência com a *racionalização* da própria tragédia, com Eurípedes como trageógrafo *socratizado* por excelência, por impor demasiadas regras à tragédia e criticar as composições esquilianas. Tal postura se dá, para Nietzsche, pela influência da filosofia socrática, como bem nota Machado (2005, p. 10): “[...] Eurípedes foi apenas uma máscara, no sentido de que quem falava por ele não era Apolo nem Dioniso, era Sócrates, o protótipo do homem teórico, [...] aquele que acredita ser possível penetrar no fundo das coisas, separando o conhecimento verdadeiro da aparência”. O terceiro aspecto, apresentado por Nietzsche e corroborado pela análise de Machado, é a tentativa de *ressuscitar* a tragédia grega com base na música moderna, sobretudo a partir das composições wagnerianas — suas tragédias musicais —, as quais Nietzsche acreditava ter contidas em si um poder mítico capaz de tal transformação. A esperança de que a vontade schopenhaueriana seja reconstituída através da musicalidade moderna, “como se o espírito trágico existente na Grécia pré-socrática, em vez de ter sido totalmente aniquilado pelo espírito socrático, embora reprimido, se tivesse mantida vivo na profundidade adormecida do espírito alemão” (MACHADO, 2005, p. 12).

Leonardo Marques Kussler

Contudo, a filosofia nietzschiana, controversa por natureza, faz com que o próprio Nietzsche não se conforme em ter criticado o racionalismo e a linguagem estritamente conceitual fazendo uso desta, e, por isso, sua própria filosofia deve fazer uso de uma *postura trágica*, “[...] precisa se expressar numa linguagem adequada a essa visão do mundo: uma linguagem artística e não científica, figurada e não conceitual” (MACHADO, 2001, p. 17-18). Eis que surge o *Zarathustra* de Nietzsche, um livro que se assemelha, propositadamente, a textos de literatos não estritamente filosóficos, mas artístico; o problema filosófico de Nietzsche se encontra entremeado à linguagem poética, aos aforismos, às analogias e às alegorias. Nesse sentido, a ideia não é que a filosofia se submeta à arte, mas que seja constituída aos moldes do artista. E de que forma Nietzsche acede a tal ponto? Considerando seu *Zarathustra* uma obra musical, sabendo que “[...] considerar o *Zarathustra* canto significa dizer que nele a palavra canta pela própria musicalidade da palavra” (MACHADO, 2001, p. 25) — lembremos do sentido de *mousiké* presente na definição de musicalidade do *logos* platônico. Segundo Machado (2001, p. 29), “Assim falou Zarathustra é a narração dramática do aprendizado trágico de Zarathustra”, da personagem que começa *apolínea* e termina *dionisíaca*; isto é, sai da postura apolínea para enfrentar o niilismo e voltar mais consciente do *destino trágico*, afirmando a vida e o eterno retorno.

Entre outros conceitos, o de consciência é um dos que desponta, visto que a preocupação de Nietzsche é um tanto *psicológica*. A reflexão nietzschiana acerca da psique humana faz com que, a partir de novos fundamentos não metafísicos, leve o título de *primeiro psicólogo* (GIACOIA JR., 2001, p. 22). E tal consciência do homem só se desenvolveu sob a necessidade da comunicação e, conseqüentemente, socialização (Cf. GIACOIA JR., 2001, p. 35). Ao criticar o conceito schopenhaueriano de vontade, por exemplo, Nietzsche faz uso de sua *postura psicológica*, de

Leonardo Marques Kussler

modo que afirme que tal faculdade não deve ser compreendida de forma unitária, mas em conjunto com o pensamento e o sentimento (Cf. GIACOIA JR., 2001, p. 67). A própria identidade do homem, o *eu*, surge da consciência do autocontrole, do domínio de si mesmo, do livre-arbítrio (Cf. GIACOIA JR., 2001, p. 69). Afora isso, Nietzsche nutria verdadeira paixão pela literatura de Dostoiévski, o qual considerava um dos grandes entendedores da psique humana, como atesta Giacoia Jr. (2001, p. 75 ss). E a filosofia disposta em sua *Genealogia da moral* também atesta o espírito alterado e, de certa forma, *ressentido*, do homem da *reação* e da *vingança* ao qual faz críticas por ter transvalorado os valores aristocráticos da expressão livre da vontade. Faltam forças no homem moderno, pois este vive da imagem, do artifício e não das pulsões e vontades. O homem moderno, com seu sentimento de culpa, oriundo da inversão dos valores morais, acaba por fechar os olhos à consciência arduamente defendida por Nietzsche, que é o *sim* à vida, mesmo que trágica; o homem que, consciente de sua tragédia, assume uma postura consciente de sua vida, não é um *homem do subsolo*, que se atém a registrar as dores de sua existência medíocre (Cf. GIACOIA JR., 2001, p. 92). Da ligação com Freud, Giacoia (2001, p. 131) afirma que “o sentimento de culpa consiste na expressão psíquica do eterno conflito ambivalente entre as duas pulsões fundamentais do homem: Eros e o impulso de morte ou destruição”.

De modo mais específico, em entrevista ao IHU — presente nesta edição da Revista Pandora Brasil —, Giacoia (2011, p. 3) afirma que o pensamento trágico nietzschiano pode ser traduzido pela consciência de uma existência mais completa e complexa do ser, de modo que abarque os aspectos positivos e negativos provenientes dela, sem culpabilizar nem emitir juízos de valor negativo. Para entender Nietzsche, é necessário entender sua filosofia de modo trágico, seu fazer filosófico aos moldes da tragédia que, de forma consciente, não se abstém de parte dos elementos da

Leonardo Marques Kussler

vida, mas os assume, sob uma postura responsável, consciente e, obviamente, trágica. Segundo Giacoia (2011, p. 4), a crença nietzschiana na obra wagneriana não é de todo contraditória, pois Nietzsche, inicialmente, acreditava no poder mítico contido nas *tragédias musicais* de Richard Wagner, assim como acreditava na filosofia da vontade schopenhaueriana, a qual acaba se distanciando posteriormente. De fato, quanto mais conscientes que somos da vida, menos culpamos a própria existência e, conseqüentemente, desejamos, sob um impulso *vitalista*, defender a vida.

Na visão de Deleuze (1985) a filosofia de Nietzsche é considerada algo pré-socrático, no sentido de que se baseia na *interpretação* e na *avaliação*. Nesse sentido, na filosofia nietzschiana, “o aforismo, precisamente, é ao mesmo tempo a arte de interpretar e a coisa a interpretar; o poema é ao mesmo tempo a arte de avaliar e a coisa a avaliar” (DELEUZE, 1985, p. 17). Além disso, a vontade é descrita como a relação de força primária (ativa) com a força secundária (reativa) que visa à criação (Cf. DELEUZE, 1985, p. 22). Justamente, “a vitória comum das forças reativas e da vontade de negar, Nietzsche chama-lhe ‘niilismo’ — ou triunfo dos escravos” (DELEUZE, 1985, p. 23). Nesse sentido, vontade de potência só tem outro significado, fora *criar*, quando se define em relação ao niilismo. Contudo, a interpretação do eterno retorno, tratada por Deleuze (1985), considera que este não é só um retorno *repetitivo*, mas *seletivo*, tanto no pensamento quanto no próprio ser, respectivamente: o querer é um dever para com o eterno retorno, não há meia vontade; só volta no eterno retorno o que se encerra na afirmação, a negação é excluída de tal movimento. “Porque o Ser se afirma do devir, ele expulsa de si tudo o que contradiz a afirmação, todas as formas do niilismo e da reação: má consciência, ressentimento... só os veremos uma vez” (DELEUZE, 1985, p. 32). Da confluência dionisíaca e apolínea, que resulta na tragédia, parece que a felicidade como proveniente da virtude socrática, bem como a virtude como saber e a ignorância como

Leonardo Marques Kussler

falta de saber — e, obviamente, de virtude. A dialética, com seus silogismos, é criticada por expulsar a música da tragédia, sua essência.

Uma das mais complexas interpretações da filosofia nietzschiana é a de Heidegger, em suas preleções da década de 30. Em uma leitura prévia da interpretação heideggeriana, é possível afirmar que a filosofia nietzschiana é baseada, entre outras coisas, em *vontade de poder* [potência], *eterno retorno* e *transvaloração* (Cf. HEIDEGGER, 2007, p. 19 ss). Portanto, com base no já disposto acima, da interpretação de outros autores, é possível afirmar que a filosofia nietzschiana se baseia em uma grande *transvaloração dos valores*, pois tanto o *eterno retorno* [de si mesmo, segundo Heidegger] quanto o princípio de *vontade de poder* [de potência] estão interligados a uma grande transvaloração de valores histórica. Já a postura trágica nietzschiana, presente em sua filosofia e em seu filosofar, é definida quando entendemos que Nietzsche “[...] canta o trágico. Precisamos reconhecer que Nietzsche só determina o trágico a partir do que toma como sendo o começo da tragédia. Com o pensamento do eterno retorno do mesmo, o trágico como tal se transforma em caráter fundamental do ente” (HEIDEGGER, 2007, p. 215); ou seja, é impossível desligar a importância do trágico no reconhecimento e na abordagem da filosofia nietzschiana, como todos os comentadores acima têm defendido. Zaratustra é, de certa forma, o *herói trágico*, criado por Nietzsche para figurar o *super-homem* [ou *além-do-homem Übermensch*], aquele que surge *depois do último homem* [mediocre] e assume a postura trágica e consciente do *eterno retorno*. Os próprios animais de Zaratustra, como bem aponta Heidegger (2007, p. 230 ss) são figuras alegóricas do *eterno retorno*, no caso da *serpente* em círculo, o ciclo do instante. A própria morte de Deus, segundo análise heideggeriana, significa o *apequenamento* de Deus, na medida em que “[...] esse Deus foi destituído de Seu poder porque Ele era um ‘engodo’ do homem que nega a si mesmo e a vida [...]”

Leonardo Marques Kussler

(HEIDEGGER, 2007, p. 249); portanto, a morte de Deus não tem um tom divino/religioso, senão que meramente *moral*. Já o valor, para Nietzsche, é a condição da vida — e não a autoconservação, como defendiam os darwinianos —, portanto, “o valor, como condição da vida, precisa ser, por isso, pensado como aquilo que suporta, requisita e desperta a elevação da vida. Somente o que eleva a vida, somente o que eleva o ente na totalidade possui valor — ou, mais exatamente: *é um valor*” (HEIDEGGER, 2007, p. 380). Ou seja, somente a partir do acesso ao *valor*, através do impulso da *vontade de poder* [potência], a vida pode ser afirmada e, nesse caso, defendida como posicionamento inverso ao *niilismo* comum, ao qual Nietzsche faz críticas veementes.

3.2 O TRÁGICO NIETZSCHIANO POR SUA PRÓPRIA VOZ

Se a filosofia de Nietzsche deve ser tomada como uma tragédia, primeiro é importante saber se [e como] estamos *ouvindo* tal obra, visto que o principal, em termos de tragédia, é sua própria musicalidade. Mas e como Nietzsche compreende a própria tragédia e qual seu ponto de vista perante ela? É a arte composta pela união dos impulsos *apolíneo* e *dionisiaco*, respectivamente, “[...] a arte do figurador plástico [*Bildner*], a apolínea, e a arte não figurada [*Unbildlichen*] da música, a de Dionísio [...]” (NIETZSCHE, 2003, p. 27). O ponto é que o *impulso artístico natural* [*Kunstrieb der Natur*] dionisiaco, princípio da desmesura, da *hýbris*, da embriaguez, representa a expressão da vontade sem pretensão de forma, sem o *conceito* propriamente dito.

A crítica nietzschiana presente em *O nascimento da tragédia* trata, justamente, da racionalização [ou socratização] da tragédia, ou seja, o embotamento da tragédia através da supremacia apolínea; nesse sentido, a presença da racionalidade socrática parece eliminar o caráter de livre

Leonardo Marques Kussler

expressão da vontade como pulsão artística. Em especial, sua crítica se endereça a Eurípedes e o *veneno* deste, Sócrates: “também Eurípedes foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado SÓCRATES” (NIETZSCHE, 2003, p. 79). Sócrates foi o *responsável* pela *decadência* do trágico, afirma Nietzsche. O *herói trágico* torna-se, pois, um *herói dialético*. E a arte *plástica* ou *figurativa* apolínea acaba por primar pela *eternidade da imagem* em detrimento do *sofrimento efêmero* do dionisiaco “[...] aqui o sofrimento do indivíduo subjuga Apolo mediante a glorificação luminosa da *eternidade da aparência*, aqui a beleza triunfa sobre o sofrimento inerente à vida, a dor é, em certo sentido, mentirosamente apagada dos traços da natureza” (NIETZSCHE, 2003, p. 102) — o que encerra grande parte da compreensão do trágico como modo de filosofia nietzschiana, a saber, da consciência da vida como algo trágico e da vontade como potência balizadora para a mudança. E, ainda sobre a *degenerescência* da tragédia, Nietzsche afirma que “aquele ocaso da tragédia era ao mesmo tempo o ocaso do mito” (NIETZSCHE, 2003, p. 137); isto é, a marcação não se fixa somente na tragédia, mas na mitologia e, conseqüentemente, no modo de pensar e de constituir filosofia — mais técnica, racionalidade e dialética, menos embriaguez, essência e musicalidade.

A crença de que a decadência filosófica, ligada à decadência cultural, poderia ser reafirmada a partir da música moderna — em especial a partir das tragédias musicais wagnerianas —, passa a ser duvidosa quando Nietzsche se distancia de sua *primeira navegação* e passa a se afastar de Schopenhauer e Wagner, porém, sem abandonar o *trágico*, central em sua obra. Nesta passagem está condensado muito do pensamento trágico e, obviamente, de sua filosofia como um todo:

Leonardo Marques Kussler

O indivíduo deve se consagrar a algo suprapessoal – assim quer a tragédia; ele deve desaprender a angústia terrível que lhe inspira a morte e o tempo: pois, no mais breve instante, no mais ínfimo átomo do curso de sua vida ele pode encontrar algo sagrado que compense abundantemente toda luta e toda necessidade – isso significa ter o *sentido trágico* (NIETZSCHE, 2009a, p. 67).

Em outras palavras, o indivíduo deve tomar consciência, em determinado instante, de que a verdadeira vida é a que se tem, que deve ser vivida – em termos freudianos, é tomar consciência da realidade e balancear a equação presente nas díades *prazer/realidade* e *Eros/Thanatos*. E, para tornar-se consciente da vida como tragédia, o indivíduo deve partir de uma concepção de obra de arte, mas aos moldes gregos, em especial do dionisíaco, que representa o artista que “[...] é como que prisioneiro de um sonho atordoante que o impede de ver tudo isso e repete hesitante, com uma voz indecisa, belas palavras fantasmagóricas que acredita ter escutado de lugares muito distantes, mas que não chega a perceber com nitidez [...]” (NIETZSCHE, 2009a, p. 77); quer dizer, que não tem controle de sua embriaguez pulsante e criativa, que não possui regras silogísticas para determinar a fluidez de sua arte. Antes de criticar a postura wagneriana, Nietzsche ainda fala de sua capacidade de reconstituição mítica – até que o sentido das obras wagnerianas tomem os salões de Bayreuth e se tornem *leitmotiv* da burguesia e não mais *arte transformadora*.

Mas é com *Zaratustra* que a expressão nietzschiana ganha voz, literalmente, de acordo com sua postura filosófica. *A tragédia nietzschiana*, como afirma Roberto Machado, trata de um fazer filosófico a partir da arte, em especial da arte dramática/trágica. O *Zaratustra* é totalmente falado: do início ao fim, são diálogos e descrições de ações – trata-se de um roteiro da voz, do diálogo, da musicalidade, que poderia ser interpretado aos moldes de uma ópera. *Zaratustra* é trágico não por uma definição estética, mas por ser balizado pelas pulsões artísticas (dionisíaca e apolínea), que se constituem em conflito agônico. Logo no início, marcado pela linguagem

Leonardo Marques Kussler

poética, tal é a descrição da personagem: “mudado está Zaratustra, tornou-se uma criança, Zaratustra, despertou, Zaratustra; que pretendes, agora, entre os que dormem?” (NIETZSCHE, 1989, p. 28). A criança em Zaratustra, que marca o renascimento, a aceitação da vida em sua naturalidade, da livre e espontânea expressão da vontade e dos desejos, afirma, ao explicar o *super-homem* para os homens: “Eu vos rogo, meus irmãos, *permanecei fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas! Envenenadores, são eles, que o saibam ou não” (NIETZSCHE, 1989, p. 30).

Em uma linguagem poético-filosófica, Nietzsche explicita a morte de Deus como um apelo à necessidade de se pensar na vida terrena e não se conformar com o fado, o determinismo da vida e a expectativa da vida *post mortem*, em uma lógica niilista comum. *Super-homem* é dizer sim à vida trágica, ao eterno retorno de um instante daquela vida consciente do padecimento, do *páthos* natural desta — essa, de fato, é a lição do *super-homem*: do sujeito que diz sim à vida dentro das condições trágicas em que esta se fundamenta e não precisa do aval do divino prospecto, senão que afirma a própria existência terrena. A morte de Deus é o modo que Nietzsche encontra para dizer *o homem pode se cuidar sem a autoridade divina*; o homem deve ser mais autônomo e responsável em sua existência; é o modo de confirmar a *descrença no além*, para que se viva o agora, o instante, de modo responsável. O ponto é que, assumindo uma postura trágica perante a vida — com base nas tragédias, que mostravam o sofrimento como parte indissociável da vida humana —, o ser humano se torna mais consciente de sua vida, de forma mais plena.

A postura trágica, em tese, deveria fazer com que o homem, consciente do padecer da vida, não se desprendesse dela, mas a assumisse de forma a negar o niilismo comum, ao qual Nietzsche é erroneamente acusado. Ainda sobre a vontade, Nietzsche afirma, em uma passagem muito

Leonardo Marques Kussler

semelhante aos conceitos freudianos de pulsão pela vida: “Onde há inocência? Onde há vontade de procriação. E aquele que quer criar algo para além de si, esse tem, a meu ver, a vontade mais pura” (NIETZSCHE, 1989, p. 135); a vontade mais pura é a vontade além de si, do *super-homem*, daquele que pode *transvalorar valores*. De fato, existe um matiz psicológico em muitas afirmações nietzschianas dessa obra, inclusive quando uma personagem *interpreta um sonho* de Zaratustra (Cf. NIETZSCHE, 1989, p. 148).

A criança, por exemplo, é análoga à repetição, à brincadeira, à expressão da vontade pura, que não tem *medo e/ou vergonha* da vida, que a assume. Zaratustra é a personagem-chave que chama a consciência: “Levanta-te da minha profundeza, pensamento abismal! Eu sou o teu galo e o teu alvorecer, verme dorminhoco! De pé, de pé! O canto da minha voz vai já acordar-te!”; o *canto* de Zaratustra insta para que a consciência desperte, para que a consciência da vida de *Zaratustra convalescente* desperte. A *ave sabedoria* aconselha Zaratustra a *cantar* e não mais *falar*, visto que as palavras são próprias de *seres pesados* e não *seres leves* (Cf. NIETZSCHE, 1989, p. 237). A vitalidade está expressa no ato de assumir a vida consciente do elemento *páthico* desta, de modo que o homem tenha elementos da criança, que ri e vive o instante: “esta coroa do homem ridente, esta coroa de rosas entrelaçadas: a vós, meus irmãos, atiro esta coroa! Eu santifiquei o riso; ó homens superiores, *aprendei* — a rir!” (NIETZSCHE, 1989, p. 297). Sobre as personagens animais, como já expresse anteriormente, estas têm significação própria e, dentre as mais importantes está a figura da serpente, que pica Zaratustra, fazendo com que este desperte para sua função simbólica, do ciclo, do anel, do eterno retorno consciente e, como aponta Deleuze, também virtuoso. A serpente, companheira da solidão de Zaratustra, serve como uma imagem para lembrar a postura trágica e

Leonardo Marques Kussler

consciente do mundo devenida (em constante devir), assim como a vida e todo e qualquer valor.

Ser valente é bom, afirma o Zarathustra — os valores do guerreiro aristocrata defendidos na *Genealogia da moral* —, o que define a postura adotada em *Genealogia da moral*, onde Nietzsche ataca as concepções de *bom* e *mau* e, mais especificamente, a concepção de *valor*. Segundo a análise heideggeriana, disposta acima, a filosofia [trágica] nietzschiana se baseia no conceito de *valor*, disposto em sua *genealogia*. De certa forma, o desenvolvimento da *maldade* e da *má consciência* se encerra, justamente, nessa perda de identidade e de valores que libertam a expressão da vontade humana — o qual poderia ser revitalizado pelo *super-homem* nietzschiano. De certa forma, o conceito de *bom*, por exemplo, também está ligado à valoração e à disposição de *poder*, pois os *poderosos* afirmam ter uma postura *boa* por natureza.

O que altera o *status* dos valores e de tais conceitos de *bondade* ou *maldade* é a religião, em especial, na leitura nietzschiana, na raiz do judaísmo e do cristianismo, que invertem os valores de *bom* e *mau* a seu favor, de modo que o *bom* é o *homem ressentido/injustiçado/dominado* pelo aristocrata que, diferente do modo dos valores precedentes, agora é *mau*. O ponto é que, ao inverter tais valores, o ser humano se pauta pela esperança de uma justiça divina, sempre extraterrena — o que vai de encontro à concepção de consciência, super-homem, transvaloração dos valores etc. Enquanto o pensamento religioso aponta para uma vida regrada, comedida e de *comportamento de rebanho*, como gosta de afirmar Nietzsche, o pensamento do filósofo alemão defende a postura de um ser humano consciente da vida, do elemento trágico da vida, que se constitua como *indivíduo consciente*, capaz de inverter os valores, *transvalorá-los*, de emitir o sentido da vida como pulsão própria de afirmação, mas não no sentido de autoconservação, como aponta a ideia de matiz biológico, mas

Leonardo Marques Kussler

como reconhecimento do *valor* da vida e da defesa por tudo que possa afirmar tal valor.

O *super-homem* não é a negação dos demais que não acedem a tal *estádio* (no sentido de percurso, espaço-tempo), mas a condição encontrada e defendida por Nietzsche para que o homem se torne mais autônomo e se defenda sem o aporte divino; um homem consciente do valor de sua vida, um homem *vitalista*, que pode assumir a *imposição* do eterno retorno sem que esta seja encarada como uma *maldição*, mas como um *presente*, onde o homem possa afirmar a postura e os valores morais assumidos até então. Nietzsche chega a afirmar, ao final da obra, que “o homem, o animal mais corajoso e mais habituado ao sofrimento, *não* nega em si o sofrer, ele o *deseja*, ele o procura inclusive, desde que lhe seja mostrado um *sentido*, um *para quê* no sofrimento” (NIETZSCHE, 2009b, p. 139) — mas que não seja um sentido do *ideal ascético*, de que a *culpa* explicaria o sofrimento.

4 CONCLUSÃO OU O *ESMAECIMENTO DO CANTO*

A afirmação dos valores como constantes, ou seja, em devir, justifica o próprio caráter bibliográfico nietzschiano, que muda de posição, se pensarmos o início e o fim de seus escritos. A tragédia, que aparece tão forte em um primeiro momento, de *O nascimento da tragédia*, parece perder as forças ao longo de sua filosofia, em uma primeira leitura. Entretanto, o que se mostrou com este artigo é que, independente de onde seja tomada, a filosofia de Nietzsche é balizada pelo conceito de trágico, pois, para se compreender conceitos como os de *super-homem*, *transvaloração*, *eterno retorno*, é imprescindível a *consciência* de que a vida se constitui tragicamente. Será que seu *Zaratustra* não seria uma hipotética tragédia musical, aos moldes do Wagner idolatrado em sua juventude, que poderia trazer a revitalização de uma cultura e de um povo decadente?

Leonardo Marques Kussler

O *canto nietzschiano*, que se esmaece e se mescla à sua filosofia aforística e poética, faz parte de uma obra de arte trágica, que exige atenção a detalhes, por parte do leitor, podendo revelar uma adequação de seu modo de escrita à sua crítica da dialética de matiz socrática. Será que é possível compreender o *super-homem* como aquele que acede à consciência da possível *transvaloração de todos os valores* sem que tal consciência seja antes repercutida na tragédia da própria vida? Talvez o que há de mais certo na postura do indivíduo, para Nietzsche, é a possibilidade de se entender a si mesmo como um sujeito que, independentemente do plano divino, pode ser autônomo, moralmente excelso e capaz de enfrentar, dignamente, o *eterno retorno* — que pode ser virtuoso e seletivo, como defende Deleuze.

O *psicólogo Nietzsche*, como afirma Giacoia, confunde nossas cabeças com seus textos poéticos, seu modo de filosofar [a partir do] trágico e sua capacidade de mesclar a filosofia com o que há de mais belo na vida: a capacidade humana de criação e, em especial, da criação artística. Sejamos, pois, *super-homens*, que surgem após o *último dos homens*, e assumamos a postura trágica da vida, com vistas a um *eterno retorno*, ao raiar do sol; ouçamos a tragédia musical de Nietzsche e aprendamos a filosofar a partir de uma postura trágica, que encerra a expressão da mais pura vontade na consciência da existência.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Ars Poetica, 1992. (Bilíngue).

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1985.

GIACOIA JR., Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

_____. **Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência**. 2011. Entrevistadora: Márcia Junges. Entrevista concedida ao

Leonardo Marques Kussler

IHU on-line – Revista do Instituto Humanitas Unisinos – e republicada na Revista Pandora Brasil n. 37, dezembro 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche I**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia**. Textos de Rohden, Wagner e Wilamowitz-Möllendorff. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Wagner em Bayreuth**: quarta consideração extemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009a.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Leonardo Marques Kussler

<http://lattes.cnpq.br/8889240429908043>



[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)